



# 360° por Jane Godoy

## Graus

janegodoy.df@dabr.com.br

COM SOPHIA WAINER



Edy Amaro/Esp. CB/D.A Press - 21/11/14



Katarzyna, Andrzej Braiter e Cosete Ramos Gebrim

## As festas na Polônia

O Natal é, com a Páscoa, a festividade religiosa mais importante da Polônia. As suas tradições desenvolveram-se ao longo dos séculos, quando os costumes pagãos entrelaçaram-se com os que foram introduzidos pela Igreja. A sua forma foi influenciada também por outros ritos religiosos e tradições populares (o folclore). Atualmente, o Natal tem caráter de uma festividade familiar e é comemorado, principalmente, com os entes mais próximos, pois é o dia mais festivo do Natal polonês e acontece na véspera, em 24 de dezembro. Segundo a tradição, a família reúne-se na mesa com a chegada da primeira estrela. Nesse dia, até a meia-noite, não é permitido comer carne. Para a ceia, não se preparam pratos com carne. À

mesa devem aparecer 12 pratos diferentes de comida. Obrigatoriamente, deve-se deixar um lugar livre à mesa, reservado para uma pessoa que possa aparecer sem avisar.

Os pratos mais tradicionais são: sopa de cogumelos secos ou barszcz, sopa de beterraba e pratos de peixe frito ou em gelatina. O peixe mais usado é a carpa. A tradicional carpa deve ser comprada, de preferência, viva, alguns dias antes do Natal. Ainda na categoria de peixe vem o arenque, que é mantido em salmoura por várias semanas para ser curtido e depois servido temperado com cebola, ervas aromáticas e vinagre ou azeite.

Outra iguaria do Natal polonês são vários tipos de pierogi, pasteis cozidos recheados com chucrute e

cogumelos secos. Depois ainda temos a tradicional salada de maionese e vários tipos de bolos (feitos com fermento de pão ou tortas de ricota). A tradicional bebida é a compota de ameixas secas.

Antes de começar a ceia, o anfitrião ou o patriarca da família divide pedaços de hóstia (oplatek), especialmente fabricada pelas paróquias polonesas para aquela ocasião. Na hora de partilhar a hóstia, cada participante da ceia deseja ao outro um feliz Natal.

Tradicionalmente, as pessoas devem ceiar até pouco antes de meia-noite e depois seguir para a Missa do Galo.

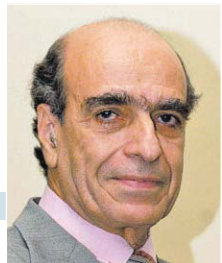
Na tradição polonesa, em 25 de dezembro, o consumo de carne é liberado. Carne de pato ou ganso assado, vários tipos de presuntos deliciosos, patês etc. Na Polônia,

como na Itália, em 26 de dezembro é, também, um dia festivo.

No período do Advento, em 6 de dezembro, acontece o dia de São Nicolau, quando as crianças ganham pequenos presentes colocados nos sapatos ou embaixo do travesseiro. Durante todo o Advento, até o dia dos Três Reis Magos (6 de janeiro), em algumas regiões da Polônia e nas aldeias, pode ver-se os "gwiazdorzy" que andam de casa em casa cantando canções natalinas, declamando versos ou representando peças natalinas.

Esperamos que todos tenham passado um Natal muito feliz, com toda a família, e que este ano que se inicia seja de muita prosperidade e paz para todo o Brasil.

Katarzyna e Andrzej Braiter



## Affonso Romano de Sant'Anna

>> affonsors@uol.com.br

Affonso Romano de Sant'Anna escreve quinzenalmente neste espaço

### Numa esquina de Ipanema

A principal acusação dos inimigos de Brasília é que Brasília não tem esquina. Se a questão é esquina, então todas as demais cidades brasileiras estão salvas. (Ou perdidas).  
Estou numa esquina. Em várias esquinas, reais e simbólicas.  
Estou na esquina do ano-novo, esta é simbólica.  
Mas como se não bastasse estou numa esquina verdadeira, aqui em Ipanema.

Esta é a esquina da Visconde de Pirajá com a Teixeira de Mello. Esquina é o que não falta por aqui. E provavelmente o que ocorre neste cruzamento se dá nas esquinas de Copacabana ou Leblon. E, claro, ocorre lá na Bahia, onde vários navios de turistas sorridentes e assustados, atracaram entregues totalmente aos orixás.

O que há de tão excepcional nessa esquina de Ipanema?

Bom, devo confessar que me sinto estrangeiro em minha própria casa (ou praia). Essa esquina não é mais minha. Como dizia o poeta baiano, esquina é do povo como a praça é do condor...

Cheguemos mais de perto. Fermentando nossa visão tem uma favela famosa, a Pavão-Pavãozinho. Aquilo já foi reducto de palhoça, de casebres. Hoje as lajes são alugadas para os turistas e há até hostel e outras regalias. Dali descem multidões rumo à vida e à praia ali em frente, praia que antigamente só tinha

### Tudo é permitido. Aquele carnaval que Mário de Andrade viu há uns 100 anos acontece hoje nessa esquina

brancos e hoje tem todos os pigmentos e pixel, como se vê nas fotos.

E tem mais: ali também o Complexo Rubem Braga (logo o cronista que era tão simples, virou complexo). O nome do Rubem agora é uma estação de metrô. Dali saem multidões em direção à praia e passam pela aludida esquina. Vem da Mandchúria, da Chênia, do Tibet.

Tem também um hortifrúti e uma

Zona Sul. E isto aumenta ainda mais o caldo racial e gastronômico. É um entra e sai de gente, de botar inveja a qualquer formigueiro. E, sobretudo, tem a Praça General Osório, outra boca de metrô, de onde saem hordas seminuas para a conquista do império ou daquilo que os paulistas maldosamente chamam de "balneário decadente".

Agora voltemos à minha esquina, que não é mais minha.

O Times Square, em Nova York, não é nada ante o que vejo. Todas as raças, todas as idades, o mau gosto em sua apoteose. O reino da nudez faz com que a frase de Nelson Rodrigues bem pode ser modificada: toda nudez será premiada! Não há mais norma. Cada um na sua. Tudo é permitido. Aquele carnaval que Mário de Andrade viu há uns 100 anos acontece hoje nessa esquina. Corpos se esbarrando, se esfregando, se seduzindo. Feromônio solto do ar. Todo mundo com este ar disponível

de quem veio para se dar, se acabar.

Como tem gente depilada! Rapazes fortíssimos, altos, exibidos. Os machos vieram se exibir para outros machos. Vieram do mundo inteiro, não só de São Francisco. As irlandesas, as suecas (ou catarinenses) estão à vontade com sua quase nenhuma roupa.

Velhos, jovens, gente em cadeira de rodas, sacolas, suor, frenezi — estão todos apressados porque alguma coisa vai ocorrer daqui a pouco. Todos os bares e restaurantes lotadíssimos, gente na porta, bebedores de cerveja nas calçadas, palavrão para todo lado. Não dá para andar sem trombar. E o Sol, meus amigos, o Sol reinando absoluto numa temperatura dos infernos e a sensação térmica de 55 graus.

Chego em casa e o telefone toca. É minha filha com essa notícia: acabaram de atracar no píer da Praça Mauá mais oito navios de turistas.